



O novo cooperativismo brasileiro é responsável por 48% do PIB agrícola

The new Brazilian cooperativism is responsible for 48% of the agricultural GDP

ENTREVISTA

ROBERTO RODRIGUES

Membro da Academia Nacional de Agricultura

Sumário

O velho cooperativismo brasileiro, tutelado pelo Governo, faliu em consequência de várias causas com destaque para os desequilíbrios oriundos dos planos de Estabilização da economia que algumas administrações despreparadas não conseguiram enfrentar. Exemplos disso são a Cooperativa Agrícola de Cotia, a Sul Brasil, Central Sul, Ijuí, verdadeiros ícones do setor agropecuário, e diversas outras espalhadas pelo território nacional, que não souberam ou não puderam acompanhar a modernização do agronegócio. No lugar delas surgiram outras, modernas, eficientes e fundamentais para o desenvolvimento do País. É o novo cooperativismo brasileiro, surgido depois do fracassado Plano Collor. É deste novo cooperativismo que nos fala o ex-presidente da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, ex-ministro da Agricultura e atual Embaixador da FAO para o Cooperativismo e Coordenador de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, o engenheiro-agrônomo Roberto Rodrigues.

Summary

The old Brazilian cooperativism, supervised by the government, collapsed due to a series of causes, especially the unbalances arising out of economy stabilization plans that some unprepared administrations were unable to face. A few examples of these are the Cotia Agricultural Cooperative, the Sul Brasil, Central Sul, Ijuí, true icons of the agriculture and livestock sector and several others scattered all over national territory, which did not know or could not keep up with the modernization of the agribusiness. In their place, many others came, modern, efficient and essential to the development of the Country. It is the new Brazilian cooperativism, that emerged after the failure of the Collor Plan. It is about this new cooperativism that the former president of OCB - The Brazilian Cooperative Organization, former minister of Agriculture and current FAO Ambassador for Cooperativism and Agribusiness Coordinator at Getúlio Vargas Foundation, the agronomist engineer Roberto Rodrigues, tells us.

“Fora da tutela do Estado nasceu um novo cooperativismo no Brasil”

P - Qual a importância do cooperativismo no atual agronegócio brasileiro?

É grande. Informações atualizadas dão conta de que quase metade (48%) da produção agropecuária vem das cooperativas, sendo que uns produtos – como o café e o açúcar – prevalecem sobre outros.

Em relação aos animais e produtos de origem animal o cooperativismo é fundamental na produção de frangos, de suínos e de leite, por exemplo. Essas são áreas em que o cooperativismo é muito poderoso.

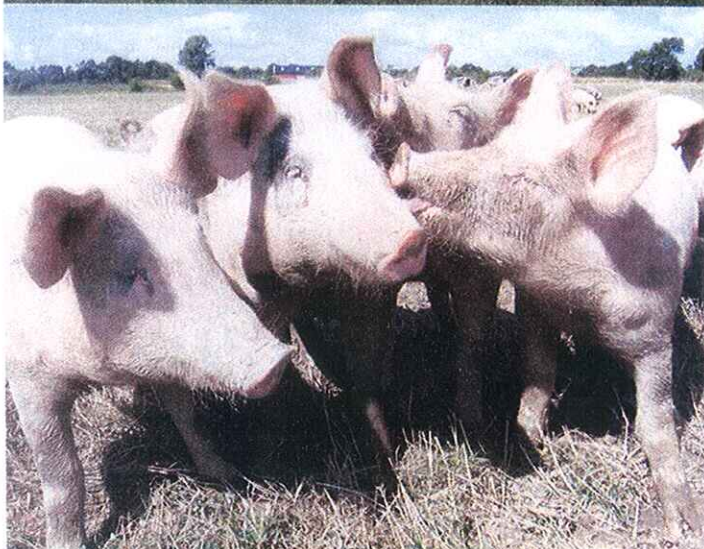
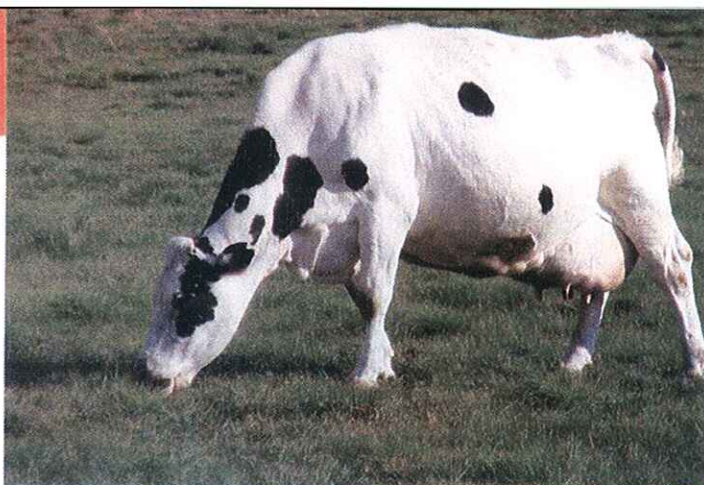
Algumas cooperativas do sul do País têm papel preponderante na produção de suínos e de aves. A Cooperativa Aurora, em Chapecó, é um exemplo notável de trabalho cooperativado.

No Paraná, funciona a Cooperativa Palotina, a Cooperativa Lar, a Cooperativa de Cafelândia, a de Campo Mourão, a de Maringá e diversas outras muito importantes como a Batavo (leite e laticínios). De duas décadas para cá, começaram a surgir cooperativas modernas e bem administradas sem os erros do velho cooperativismo.

P - No caso da produção de frangos de corte, assunto em que o Brasil é campeão, a maior parte não é feita pelas integrações capitaneadas pelas grandes indústrias de alimentos?

Nas integrações, o criador recebe os pintos e a ração, e entrega o frango em idade de abate, ou seja, o risco fica com ele. Nas cooperativas o produtor é sócio dos abatedouros, participando de todo o processo de produção. Continua sendo um processo integrado, mas com esse importante diferencial da participação do criador na área industrial. E o mesmo acontece no caso da produção de leite e laticínios.

P - Na sua opinião, o cooperativismo é o melhor caminho, a melhor opção? Há décadas esse sistema de produção teve muito prestígio, com as grandes cooperativas, como a Cooperativa Agrícola de Cotia, a Sul Brasil e tantas outras.



Mas elas fecharam as portas. Por que, agora, o cooperativismo seria ou será uma boa opção?

Como doutrina, o cooperativismo tem mais de três séculos, mas as cooperativas nasceram na Inglaterra como uma resposta à Revolução Industrial, na metade do Século XIX, à exclusão social e à concentração da riqueza.

Antes da Revolução Industrial a renda dos habitantes dos países europeus decorria do trabalho artesanal, individual. No caso da produção de tecidos, por exemplo, cada um tinha a sua roca, no fundo do quintal, para produzir as roupas da família, e assim por diante, e o "comércio" era feito em grande parte através das trocas, do escambo.

Com o advento da Revolução Industrial, iniciada com a indústria da fição e da tecelagem, a produção doméstica individual desapareceu e milhares de produtores passaram a ficar em situação dramática, excluídos do processo produtivo. Foi quando começou um processo inclusivo, possibilitando a esses milhares de produtores artesanais a volta – integrados – ao mercado, ou seja, além de voltarem a participar do mercado, verticalizando sua atividade, passaram a mitigar a concentração de riqueza. Essa foi a "outra face da moeda" da Revolução Industrial.

As cooperativas, portanto, surgiram como uma resposta aos problemas socioeconômicos gerados pela Revolução Industrial.

P - Qual a razão da Organização das Nações Unidas (ONU) ter declarado 2012 como o Ano Internacional do Cooperativismo?

As cooperativas são um instrumento que mitiga a concentração de riqueza e a exclusão, e estas, levadas ao paroxismo, são inimigas da paz. E como a ONU tem como papel preponderante promover a paz mundial, considera o movimento cooperativista um bom instrumento com esse objetivo.

E há todo um trabalho sendo desenvolvido, no mundo todo, para que o cooperativismo seja incluído na lista das atividades dignas de serem agraciadas com o Prêmio Nobel da Paz.

"O movimento cooperativista ajuda a promover a paz mundial"

"Cooperativa é uma empresa baseada em valores. Ela não busca lucro e sim presta serviços para que o cooperado tenha lucro"

P - Quais as causas principais do fracasso das antigas grandes cooperativas agrícolas? E por que que é lícito esperar-se que fracassos semelhantes não acontecerão daqui para a frente?

Elas desapareceram por duas razões: a primeira foram as crises determinadas pelos antigos planos que regeram a economia e criaram índices diferentes para corrigir dívidas e preços agrícolas, como aconteceu no Plano Collor. As dívidas foram corrigidas em 84% e os preços em 44%. O produtor ia dormir tranquilo, com sua dívida a ser paga, e acordava com uma dívida impossível de ser paga. Isso produziu um desequilíbrio muito grande na agricultura. E os agricultores, quebrados, não tinham como liquidar seus compromissos com as cooperativas. Esse fato determinou uma outra questão que foi a profissionalização da administração das cooperativas. Elas perceberam que não havia mais espaço para o amadorismo.

A cooperativa é uma extensão da atividade individual de cada pessoa. Pequenos produtores que não podem ter determinados bens – como armazéns, tratores, caminhões, silos, abatedouros, frigoríficos, etc. – individualmente, têm como utilizá-los de forma cooperada.

A segunda razão é que antes da Constituição de 1988, para criar uma cooperativa no Brasil, havia a obrigação de apresentar para o governo um Plano de Viabilidade Econômica para a obtenção de uma AF (Autorização de Funcionamento). Mas, na Constituição de 1988, conseguimos incluir um artigo que proíbe a intervenção governamental nas cooperativas e isso foi uma verdadeira revolução no cooperativismo. Foi instituída a autogestão, o que as tirou da tutela do Estado e as obrigou a buscar a eficiência.

A definição é clara: a cooperativa é uma empresa baseada em valores.

A cooperativa não busca lucro. Ela presta serviços para que os cooperados tenham lucro.